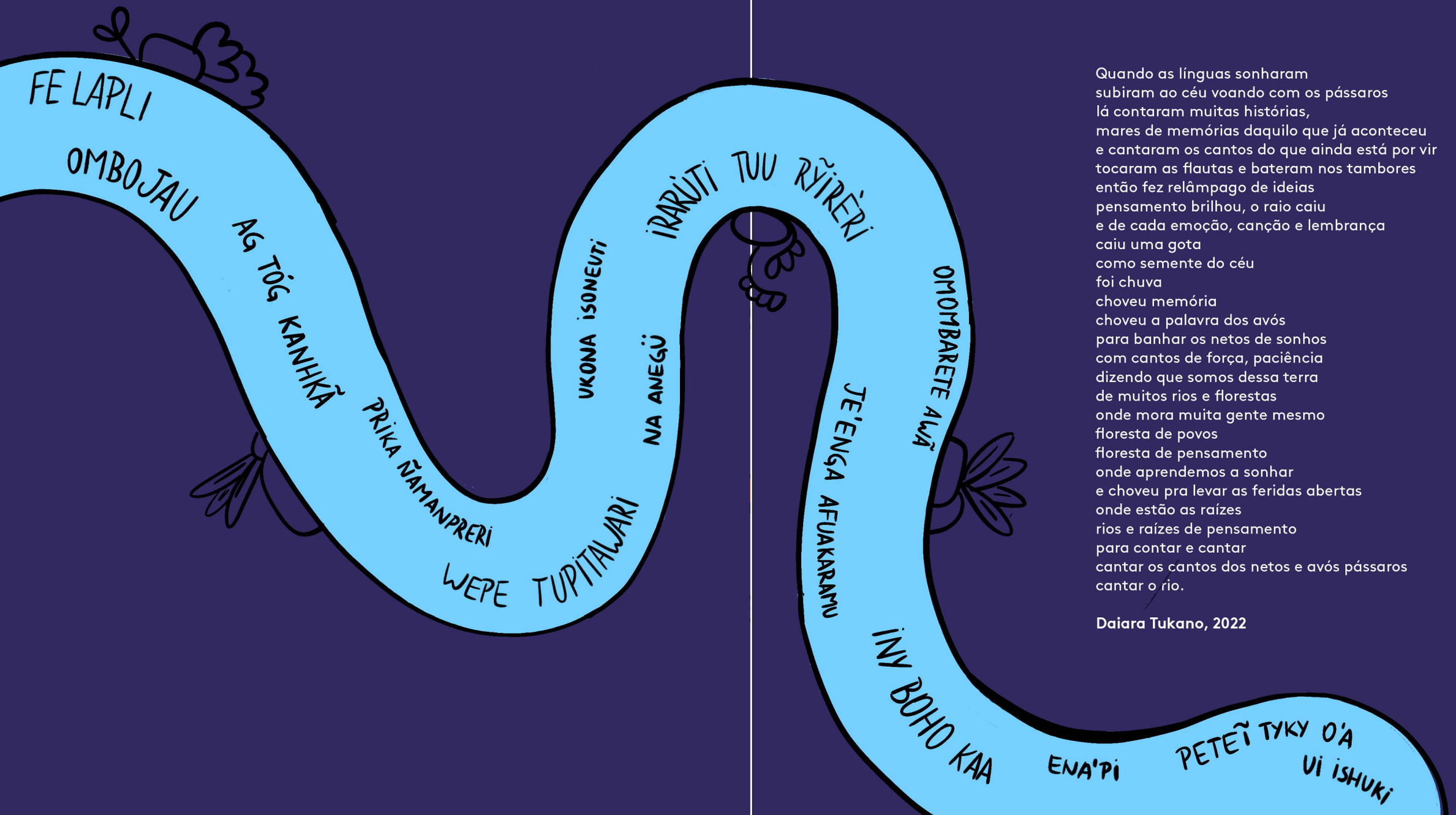
NHE'Ẽ PORÃ

MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

CADERNO EDUCATIVO

Museu da Língua Portuguesa

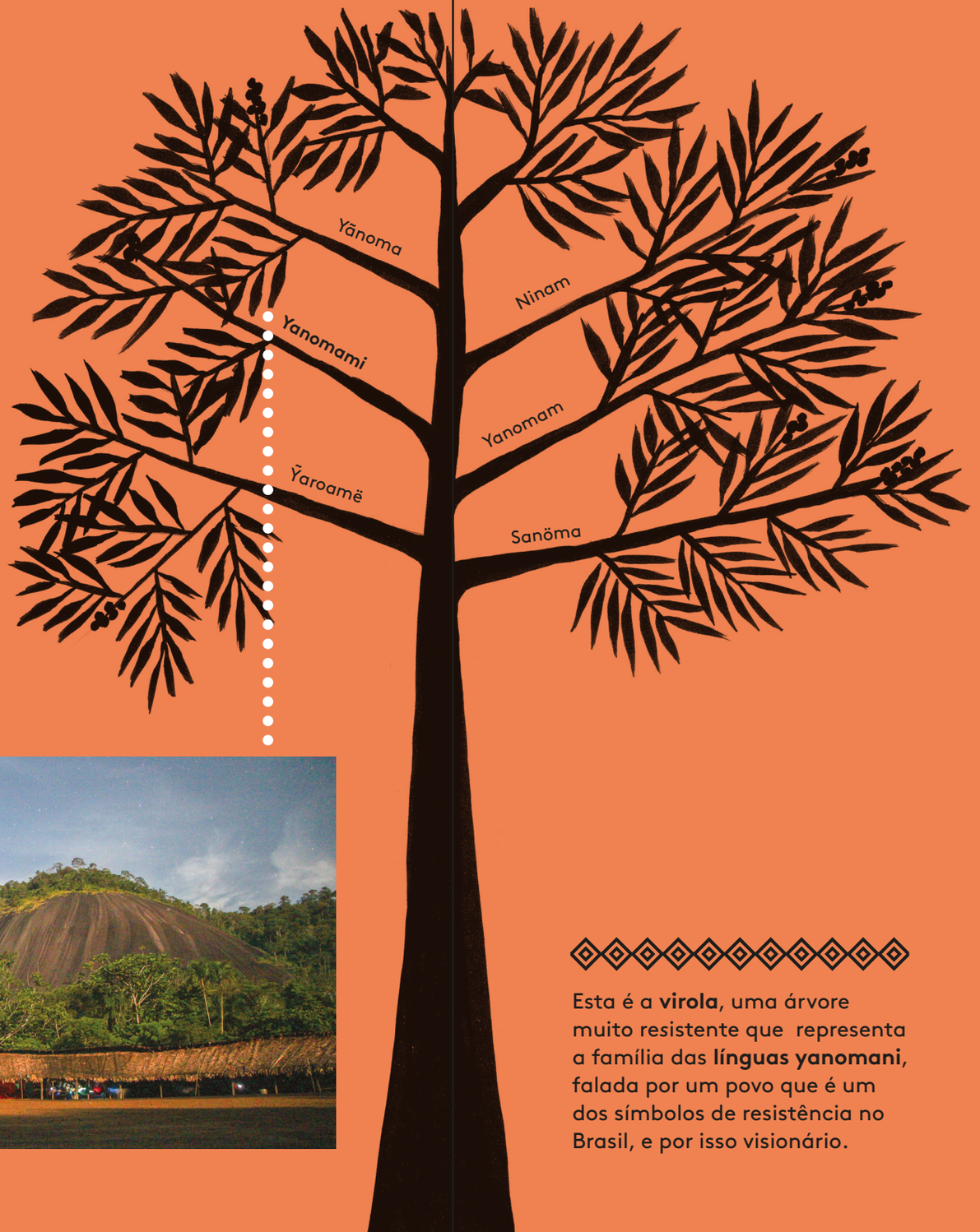


Quando as línguas sonharam
subiram ao céu voando com os pássaros
lá contaram muitas histórias,
mares de memórias daquilo que já aconteceu
e cantaram os cantos do que ainda está por vir
tocaram as flautas e bateram nos tambores
então fez relâmpago de ideias
pensamento brilhou, o raio caiu
e de cada emoção, canção e lembrança
caiu uma gota
como semente do céu
foi chuva
choveu memória
choveu a palavra dos avós
para banhar os netos de sonhos
com cantos de força, paciência
dizendo que somos dessa terra
de muitos rios e florestas
onde mora muita gente mesmo
floresta de povos
floresta de pensamento
onde aprendemos a sonhar
e choveu pra levar as feridas abertas
onde estão as raízes
rios e raízes de pensamento
para contar e cantar
cantar os cantos dos netos e avós pássaros
cantar o rio.

Daiara Tukano, 2022

Esse rio que corre nestas terras ancestrais conta muitas histórias em muitas línguas. As línguas estão presentes nos povos da floresta e em suas árvores.
No Brasil, existem diversos povos indígenas, também chamados de povos originários, e cada um deles possui uma história própria, uma cultura e uma visão de mundo.
Uma pessoa indígena é todo membro de uma comunidade indígena, ou seja, um grupo de pessoas parentes entre si, povos que habitam esse continente desde antes da invasão dos europeus e que apresentam modos de vida que se transformaram, ao longo dos séculos, até os dias de hoje.

Uma floresta é feita de muitas árvores. Cada árvore nasce de uma raiz e se ramifica em caule, galhos fortes e folhas. As línguas são como as árvores: elas se dividem em famílias, e podem ser agrupadas por relações de proximidade.



Pedra da aldeia Demini.

Esta é a **virola**, uma árvore muito resistente que representa a família das **línguas yanomani**, falada por um povo que é um dos símbolos de resistência no Brasil, e por isso visionário.

Você sabia que os Yanomami vivem não só no Brasil, mas também na Venezuela? Eles estão nos limites territoriais entre os dois países e, por isso, chamamos essa área de fronteira. Nesse lugar existem dois rios, muito importantes para a cultura yanomami, chamados Orinoco e Amazonas. Esse povo fala quatro línguas diferentes: yanomae, yanõmami, sanima e ninam. Todas essas línguas fazem parte da mesma família linguística, a yanomami.

A palavra yanomami urihi tem diversos significados: a floresta e o seu chão, pode significar território e ipa urihi, que quer dizer "minha terra". Também pode significar a região de nascimento ou de moradia de um membro da comunidade, yanomae thëpë urihipë, em português, a "floresta dos seres humanos". Esta floresta é a mata que Omama criou para os Yanomami viverem. Em outras palavras, é a terra Yanomami. Os Yanomami também usam urihi para designar o nome do mundo, urihi a pree, "a grande terra-floresta".

DISPUTA DE PONTOS DE VISTA

Evangelho na Selva (1893)
Benedicto Calixto
Foto: Isabella Matheus

As duas pinturas transmitem as mesmas ideias?

Como interpretar os possíveis significados da onça nestas obras?

As imagens dessa página retratam diferentes visões de mundo sobre os processos de colonização e catequização no Brasil, ocorridos nos séculos 16 ao 19, e que possuem consequências até os dias de hoje. A primeira é uma pintura de um artista chamado Benedicto Calixto, um pintor do século 19. A segunda é uma obra de uma artista indígena contemporânea chamada Daiara Tukano.

A redenção (2022)
Daiara Tukano

Este espaço foi deixado para sua criação!
O que a onça representa para você?
Desenhe acima a sua interpretação.

O QUE É O QUE É?
QUAIS BICHOS VOCÊ VÊ AQUI?

Todos os animais que passam pela terra deixam uma marca. A Terra e os bichos são um único ser.

VOCÊ SABIA QUE O BRASIL NEM SEMPRE SE CHAMOU BRASIL?

As terras hoje chamadas Brasil têm muitos nomes, atribuídos pelos povos originários, como Pindorama e Yvy Rupa. Já o continente que hoje vemos nos livros de história como América é conhecido também por muitas nomeações: Abya Ayla, Tawantinsuyu, Anáhuac, dados respectivamente pelos povos Kuna, Inca e Asteca.

Com os nomes, aprendemos a importância das coisas: dar um nome a uma região, a uma pessoa ou a um povo é um ato de identificar os lugares e os seres. Você conhece a palavra identidade? Pois é, essa expressão tem tudo a ver com identificar o mundo: as identidades são o que tornam as pessoas – e os grupos de pessoas- únicas, assim como os locais que conhecemos e os povos que vivem nesses lugares.

Você consegue imaginar a perda de línguas, culturas e seres vivos que acontece há séculos no nosso país?

AS LÍNGUAS DA BICHARADA

Somos muitos povos. Somos muitos seres: pessoas, rios, árvores, nuvens, pedras, bichos que voam, bichos que nadam, bichos que rastejam, montanhas, flores, florestas. Somos muitas memórias – e falamos muitas línguas.

Antes da invasão europeia no Brasil, eram faladas mais de 1000 línguas! Mil formas de ver o sol nascer, de ouvir o rio correr entre as pedras, de sentir a terra molhada embaixo dos pés. Mil jeitos de explicar a chuva, e porque os relâmpagos relampeiam e os trovões trovejam. Mil maneiras de dar nomes aos pássaros, e de falar das cobras que são venenosas e cuja picada pode matar alguém. Enfim, mil jeitos de falar "mãe", "pai", "alegria" e de falar da dor de dente, do espinho na ponta do pé, e da goiaba com bicho.

Hoje as línguas dos povos originários são, aproximadamente, 180 em todo o território brasileiro.

Ailton Krenak discursa na Assembleia Constituinte, 1987 (frame de vídeo)

A chegada dos europeus no século 15 foi uma invasão que marcou um grande massacre na América.

Essa invasão teve como resultado muitas mortes e perdas, além da extinção de culturas, de povos e de línguas. Isso sem falar na extinção também de plantas e de bichos que constituem a flora e a fauna desses territórios.

OS KRENAK

Em Minas Gerais e em outros estados brasileiros – como São Paulo e Mato Grosso – junto ao Rio Doce, vive o povo Krenak. Até o século 19, eles eram conhecidos como Botocudos. Este é um jeito de falar bastante preconceituoso, que foi usado para nomear muitos dos povos de origem linguística Macro-Jê no território brasileiro pelo uso dos botoques, um tipo de disco sagrado usado nos lábios.

Como muitos outros povos indígenas atuais, os Krenak se autodenominam Borum e buscam viver em suas terras, ensinando a sua língua às novas gerações, apesar da atividade destruidora da mineração e da exploração da terra na região do Rio Doce.

Orinoco, Tietê, Tamanduateí, Xingu, Juruá... Você conhece algum desses rios?

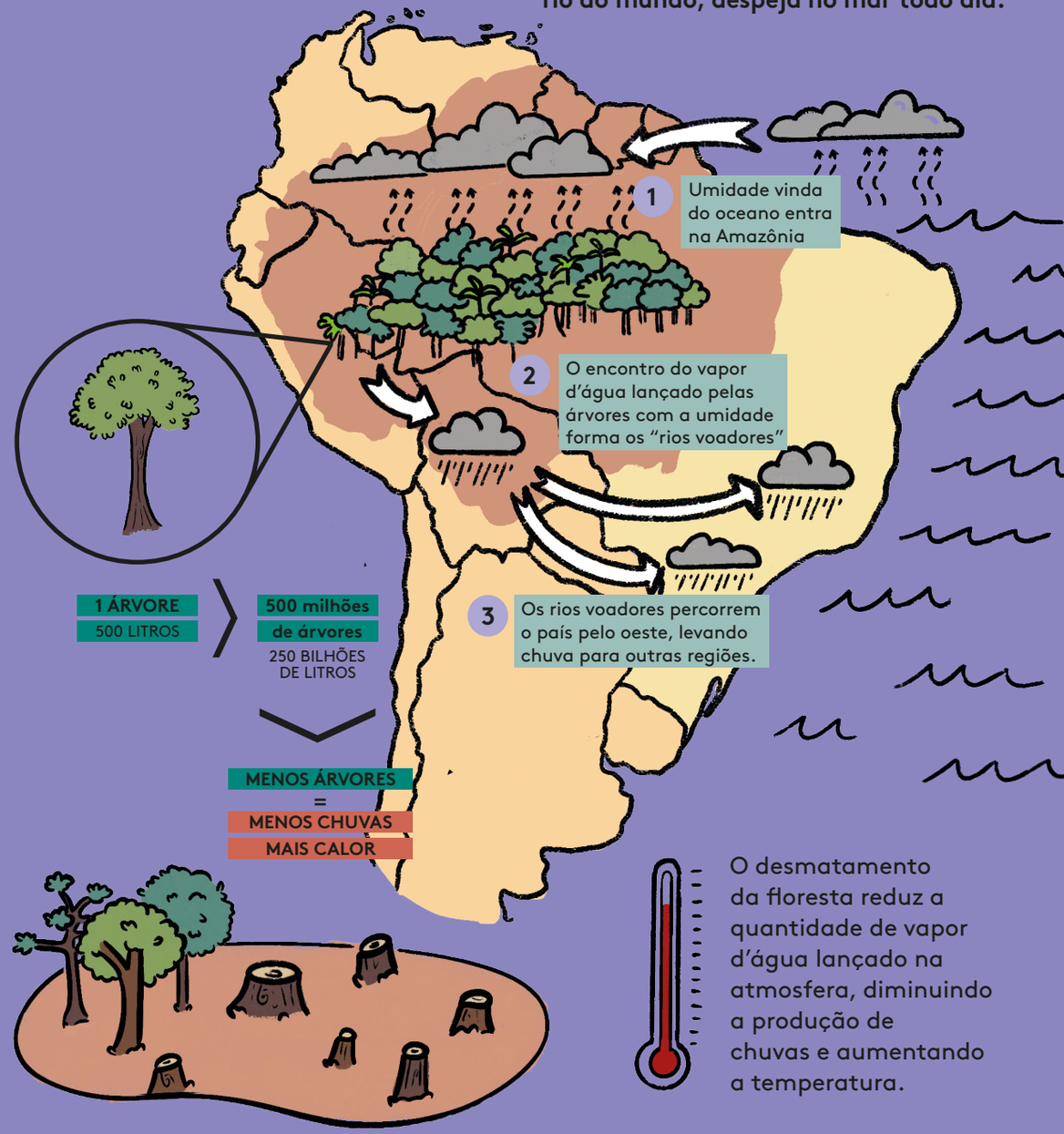
Descubra outros aqui:

educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/rios-do-brasil

Você já ouviu falar dos rios voadores?
Os rios sonham e podem até voar alcançando os céus e viajando de Sul a Norte. Um rio que voa leva água de um ponto ao outro. Em um ciclo que depende de todos os ecossistemas que o compõem, o rio é vida. Esse processo natural alimenta os reservatórios de água e a sobrevivência das matas, mas quando um dos pontos deixa de existir, os rios voadores ficam ameaçados. Aí, ao invés de levar água, podem levar fumaças de queimadas ilegais, envenenando o ar e matando os peixes.

QUERO VOAR COM OS RIOS

A Amazônia lança na atmosfera uma quantidade de vapor d'água quase igual à que o rio Amazonas, o maior rio do mundo, despeja no mar todo dia.

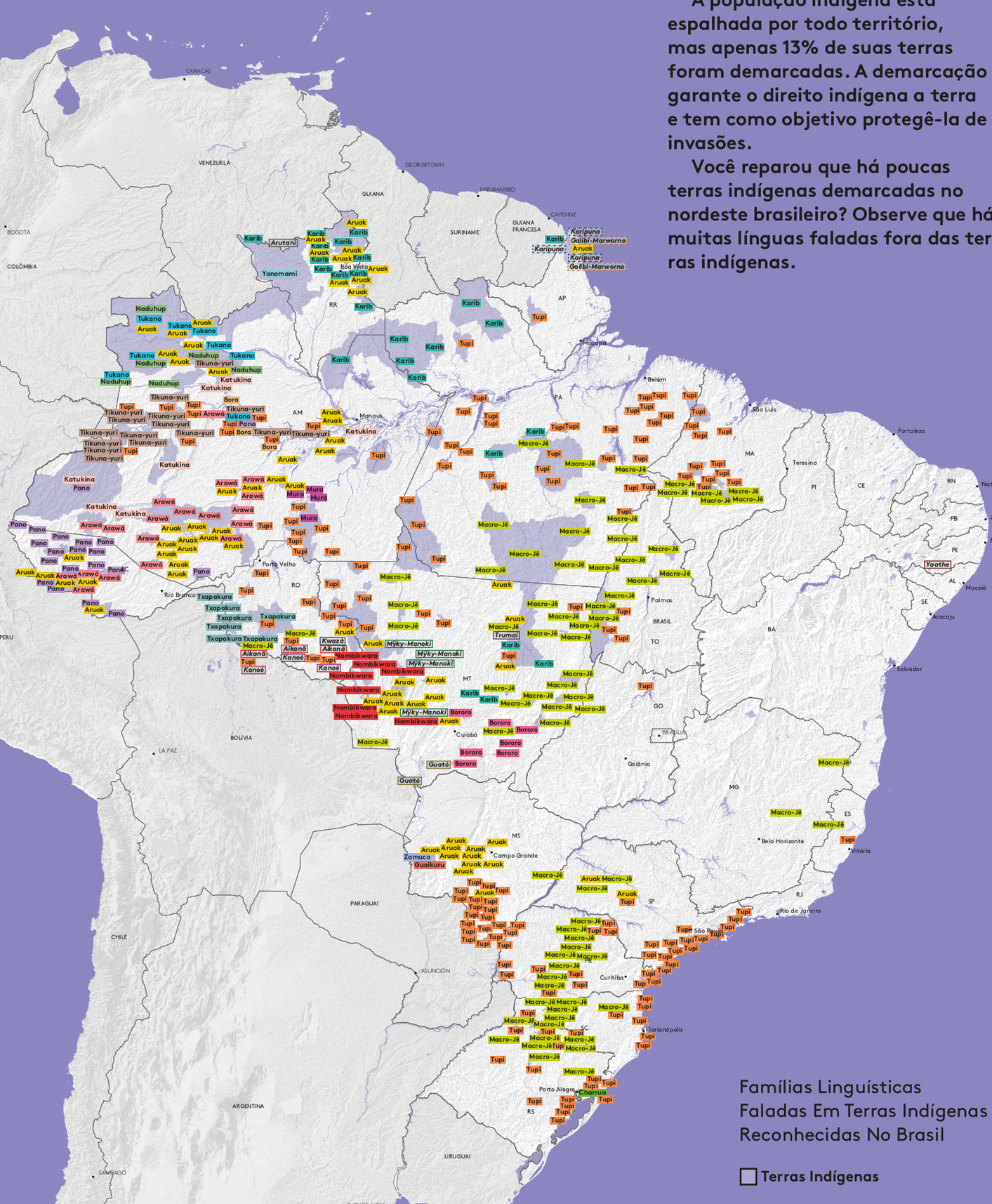


O FUTURO É INDÍGENA

Neste mapa temos a representação das famílias de línguas indígenas faladas no território brasileiro, sendo a Tupi a maior delas.

A população indígena está espalhada por todo território, mas apenas 13% de suas terras foram demarcadas. A demarcação garante o direito indígena a terra e tem como objetivo protegê-la de invasões.

Você reparou que há poucas terras indígenas demarcadas no nordeste brasileiro? Observe que há muitas línguas faladas fora das terras indígenas.



Mapas em alta resolução em:

nhepora.mlp.org.br

OS CANTOS EM MARCHA SE ENCONTRAM

O Japó, Japiim ou Guaxe é conhecido por ser mestre das línguas e dos cantos, afinal, consegue imitar vários animais, assim como outro pássaro da mesma família, o Xexéu. Eles são conhecidos por alguns povos indígenas. O Xexéu, por exemplo, é um pássaro conhecido do povo Yudjá e o Japó está presente nas narrativas dos povos Sateré-Mawé e Maraguá, como podemos observar abaixo:

Entoando felicidade, os pássaros diziam: —Vamos! Cante Japĩĩ. Imite a todos nós! Imitou o inãbu, o kakãmĩ, o mururé, o pitaguá, o tikuã... Todos que pediam, ele imitava.

Yaguarê Yamã

Você sabia que antigamente o povo Maraguá era tido como parte do povo Sateré- Mawé? Só em 2004 ele foi considerado um povo diferente por causa dos seus costumes e tradições. Para saber mais sobre esses dois povos você pode acessar: **pib.socioambiental.org/pt/Povo:Satere_Mawe** e ler o livro **Maraguápéyára**, cuja coautoria também é de Yaguarê Yamã.

O escritor da narrativa acima, Yaguarê Yamã, traz a figura desse pássaro poliglota, a partir do lugar da construção dos saberes de dois povos que o constituem: Sateré-Mawé e os Maraguá.

A voz desses pássaros poliglotas se estende para as múltiplas dimensões de luta pelos direitos dos muitos povos indígenas.

Uma dessas dimensões é a Marcha por Direitos Indígenas do Acampamento Terra Livre, um encontro que acontece todos os anos desde 2004. São mais de 8 mil lideranças de 200 povos originários, caminhando juntos, ao som dos maracás, para reivindicar seus territórios ancestrais e o respeito às suas diferentes visões de mundo.

Confira um trecho do documento oficial do Acampamento Terra Livre publicado em 2022:

> **(..) Queremos ser protagonistas dos nossos planos de vida, exercer a nossa autonomia em nossos territórios e o nosso direito de participação na formulação, monitoramento e avaliação das políticas públicas que nos dizem respeito (...)**

Retomando o Brasil: demarcar territórios e aldear a política. Documento oficial da ATL 2022

Somos sementes da Resistência Yacunã Tuxá

OS GUARANI

Os Guarani Mbya vivem em várias regiões do Brasil, entre elas nas áreas banhadas pelo oceano Atlântico das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Além desse povo, existem também outras comunidades indígenas Guarani, como Ñandeva e Kaiowá, que estão espalhadas por outros espaços da América Latina – Paraguai, Bolívia e Argentina.

Esses dados são interessantes porque mostram como a noção de território desses povos é muito diferente do que a que aprendemos na escola. Na sala de aula, "território" é um local que pertence a um país. Para os povos Guarani, a palavra território é determinada pela própria natureza dos rios e dos oceanos. Seu território, portanto, está associado a uma visão de mundo.

A preservação da cultura guarani está diretamente ligada à preservação de sua língua, como mostra o projeto de lei abaixo:

O projeto de Lei 436/2021 propõe a cooficialização da língua guarani no município de São Paulo.

Junto com outras políticas públicas, visa garantir a existência desses povos, estimula a preservação de direitos aos povos indígenas presentes no território paulistano, além de permitir o acesso à serviços públicos.

VOCÊ VIU O XIVI POR AÍ?

A presença de diversos povos indígenas não se restringe apenas aos meios rurais ou às florestas, estando também em meios urbanos, principalmente nas periferias. Esses espaços estão sujeitos às intervenções o tempo todo.

O lambe-lambe é um bom exemplo de intervenção artística urbana que tem o intuito de transmitir ideias e pensamentos, divulgar as artes ou até mesmo protestos por meio de imagens e textos.

Observe ao lado os cartazes produzidos coletivamente, nos anos de 2018 e 2019, pelos artistas contemporâneos Denilson Baniwa, Jaider Esbell, Sallisa Rosa e Gustavo Caboco.

Que tal você produzir o seu lambe-lambe?

O lambe-lambe é feito com papel, colagens, estêncil e uma mistura proporcional de cola com água, como a técnica utilizada na obra acima.
Pense sobre o que você gostaria de expressar. Aproveite para fazer um mural na sua escola ou no seu território.

Para saber mais sobre essa linguagem visual, você pode acessar: **www.youtube.com/lambe-lambe**

DORMIR É VIAJAR ENTRE PLANOS

Antigamente, os bichos falavam, as plantas falavam e até as pessoas falavam. Sela'ã foi o criador de todos os seres vivos. Como as plantas e os bichos conversavam de maneira diferente das pessoas, ele tirou delas o direito de falar. Um pouco antes disso acontecer, a kuli (cutia), que era egoísta e não ensinava nada a ninguém, vivia o dia todo cantando sua música:

Kuli, Kuli, Kuli
Kuli, Kuli, Kuli
Ume parara kuli
Kuli
Ume parara kuli
Kuli, kuli, kuli
Kuli-li, kuli

Certa vez, uma Yudjá, caminhando pela floresta, ouviu e aprendeu a música da kuli. Ao cair da noite, ela cantou essa música ao seu filho e, neste momento, o espírito da criança retornou ao tempo ancestral em que os humanos podiam conversar com as plantas e os animais. Essa cantiga, então, é uma espécie de passagem para que ao dormir seja possível viajar entre o plano espiritual e o terreno.

Que tal você tentar cantar a música em Yudjá? Qual ritmo ela teria?

Saiba mais sobre o povo Yudjá
O povo Yudjá vive no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso. Outros indígenas e não-indígenas chamavam esse povo de Juruna (yuru = boca e una = preta), uma referência à tatuagem preta facial que usavam até meados do século 19. Mas a autodenominação desse grupo – a maneira como eles se nomeiam – é Yudjá (dono do rio), pois são excelentes canoeiros e pescadores. Ficou curioso? Acesse o site abaixo e descubra mais:
pib.socioambiental.org/pt/Juruna

NADA ESTÁ DESCONECTADO

Para muitos povos indígenas as palavras têm espírito e ao longo desse caderno vimos termos importantes que serão lembrados aqui. Você já resolveu um criptograma? É um jogo em que símbolos iguais equivalem às mesmas letras. Ao completar o desafio, você irá descobrir o termo escondido nos quadrados da primeira coluna.

Boa sorte e bom jogo!

Conservar-se firme; não sucumbir, não ceder

Nome de rio, cataratas, água grande

Similar a orgânico

Cobra que morde muitas vezes

Aqueles que levam os rios voadores

Todo mundo tem menos a minhoca

Estado que concentra a maior floresta do Brasil

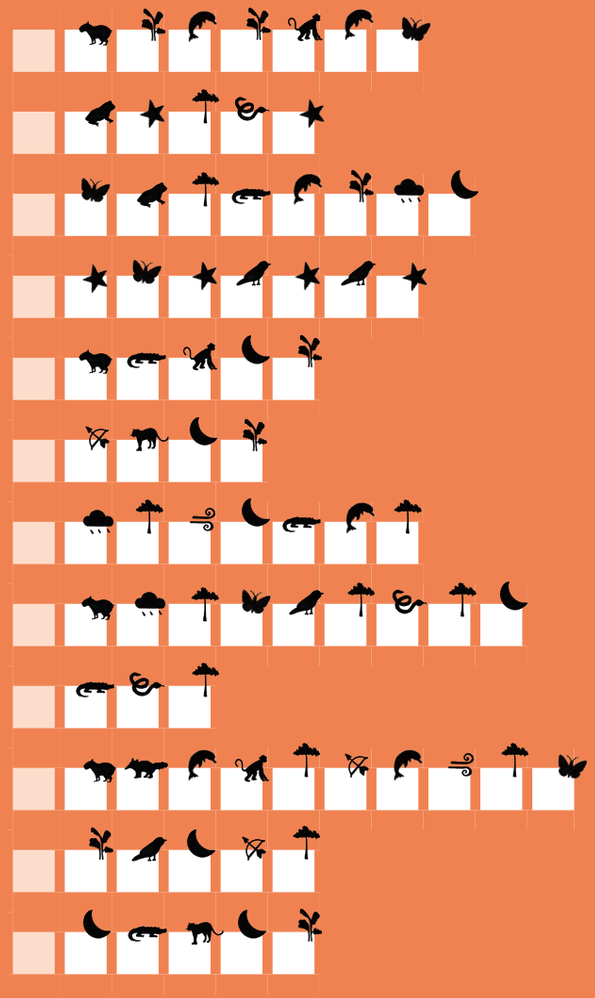
Determinação de fronteiras ou limites de espaço através de marcos

É uma espécie de mamífero carnívoro, também chamado de jaguar

Processo de retomar e reviver uma língua

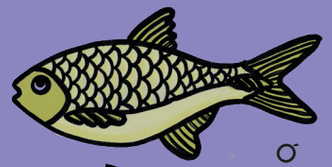
Lugar que se aprende coletivamente

Ato ou efeito de sonhar

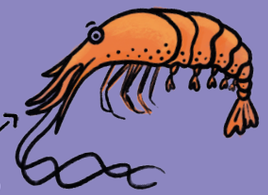


A INFÂNCIA É SAGRADA

Todos os dias falamos um monte de palavras indígenas e nem nos damos conta disso. As cantigas de roda destacadas aqui ilustram brevemente a contribuição das línguas indígenas no português brasileiro.



SAI, PIABA
Sai, sai, sai,
Ó, **piaba**, Saia da
lagoa [...]



BORBOLETINHA
[...] **Poti-Poti**
Perna de pau
Olho de vidro e
Nariz de pica-pau [...]

FUI AO TORORÓ
Fui ao **tororó**
beber água e não achei
encontrei bela morena
que no tororó deixei.

Lembrou de outra cantiga? Que tal verificar se alguma palavra dela veio do Tupi?

Para isso você pode usar o

www.dicionariotupiguarani.com.br/

Se divirta!

CARTA-CANTO AO MUNDO DO FUTURO

em português e guarani Mbya

Mundo,

um dia, todos os seres viverão em suas **oo** em paz. Os **gûyrá kuery** farão os seus ninhos, sem medo dos caçadores. Os **yakã** correrão os seus caminhos, e o **xivi** virá à beira d'água matar a sede, sem se preocupar.

O **japu** e o **xexéu** baterão longos papos à luz do entardecer, tão longos que toda a mata irá parar para escutar as aves poliglotas. Sob milhões de **jaxy tata** iluminando os céus, os avós se sentarão em torno das fogueiras, **pytũn**, e nos contarão histórias até adormecermos.

Haverá florestas para todos os lados por onde se olhe. O verde será a cor de todos os cantos. Nenhum ser mais morrerá de fome: haverá comida para todos. O ouro repousará o seu sono eterno sob a Terra, como deve ser, e as **ita** mais bonitas serão todas as que existem no mundo. Brilhantes da água da **oky**, as flores serão um lago para as **eiru**, e o barulho das gotas caindo na terra será como o som do **mbaraka mirim**. As minhocas dançarão felizes nas raízes das árvores velhas.

Os homens usarão os seus **tembekua** e os seus botoques, e falarão todas as línguas do mundo. E todos conhecerão a textura e as cores do **urukum** e do jenipapo.

CASA
PÁSSAROS
RIO
ONÇA
PÁSSAROS POLIGLOTAS
ESTRELAS
À NOITE
PEDRAS
CHUVA
ABELHAS
MARACÁ
TEMBETÁ
URUCUM

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
Rodrigo Garcia

Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa
Sérgio Sá Leitão

Secretário Executivo de Estado de Cultura e Economia Criativa
Rogério Custódio de Oliveira

Chefe de Gabinete
Frederico Mascarenhas

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
Paula Paiva Ferreira

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

GESTÃO
IDBrasil Cultura, Educação e Esporte – Organização Social de Cultura

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Carlos Antonio Luque

Vice-Presidente
Clara de Assunção Azevedo

Diretora Executiva
Renata Vieira da Motta

Diretora Administrativa e Financeira
Vitória Boldrin

Diretora técnica
Marília Bonas

Coordenadora do Comitê Curatorial
Isa Grinspum Ferraz

NÚCLEO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL
Alita Mariah (Coordenadora)
Clara Machado (Produtora)
Vinicius Rigoletto (Produtor)
Letícia Leal (Produtora)

NÚCLEO EDUCATIVO
Marina Toledo (Coordenadora)
Amanda Cuesta (Assistente de Formação e Conteúdo)
Juliana Barreto Tavares (Assistente de Coordenação)
Edson Ignácio (Supervisor)

Amanda Amaral, Anaily Sequera, Billy Tupã Fernando, Daniela Soares, Ellen Silva, Fauston Flora, Heloísa Milena da Silva, Janaina Eleutério, Jonatha Oliveira, Luiza Colarino, Mariana Lachner, Rafael Silva, Rafael Hernandez Werá Mirim, Sidney Zonatto, Stephanie Oliveira, Vanessa Oliveira (EDUCADORES)

Aline Anastácio, Alyce Kowalkowski, Ana Paula de Oliveira, Cainã Barbosa, Carlos Silva, Daniela Almeida, Ingrid Moraes, Jaqueline Reis, Jaz Hausf, Jordana Oliveira, Kauê Pontes, Leonardo Salvaterra, Leticia Garcia, Marcelo Gomes, Nathalia Oliveira, Pedro Gabriel, Rafaela Lopes, Raíssa Souza, Regina Santos, Rita Ferreira, Tatiane Silva, Vian Tenório, Vitória Moreira (ORIENTADORES)

VALE | INSTITUTO CULTURAL VALE

Vice-Presidente Executiva de Sustentabilidade da Vale e Presidente do Conselho do Instituto Cultural Vale
Maria Luiza de Oliveira Pinto e Paiva

Diretor Presidente do Instituto Cultural Vale
Hugo Barreto

NHE'Ẽ PORÃ MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

Concepção e Curadoria
Daiara Tukano

Assistência de Curadoria e Coordenação de Pesquisa
Majoí Favero Gongora

Curadoria Especial para Línguas Indígenas
Luciana Raccanello Storto

Exposição Temporária | Nhe'ẽ Porã: Memória e Transformação

Articulação e Patrocínio Máster

Lei de Incentivo à CULTURA

INSTITUTO CULTURAL VALE

Patrocínio

VOLVO

BR PETROBRAS

Apoio

MATTOS FILHO

Cooperação

unesco

Brasil 2022 | International Decade of Indigenous Languages

Parceria

Instituto Socioambiental

MAE Museu de Arqueologia e Etnologia

Museu do Índio FUNAI

MG Museu Goeldi

Museu da Língua Portuguesa

Gestão

idbrasil Organização Social de Cultura

Concepção e Implantação

Museu da Língua Portuguesa

Fundação Roberto Marinho

Realização

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL